

Brazil Com Z: Teatro Na Capa Do Jornal¹

Natália Escobar de CARVALHO²

Indiara FERREIRA³

Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

O livro-reportagem *Brazil com Z: teatro na capa do jornal* foi um projeto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (Uniube). A obra, composta por 180 páginas, narra a história da Cia. Rogê de Teatro e tem, para além do texto, o suporte da fotografia e design para registrar e propor uma análise sobre o fazer cultural na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-reportagem, Teatro, Jornalismo, História.

INTRODUÇÃO

O livro-reportagem *Brazil com Z: teatro na capa do jornal*, sobre a Companhia de teatro Rogê, foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (Uniube), no segundo semestre de 2014. *Brazil com Z* é uma peça teatral, nascida em Uberaba, interior mineiro, que fala sobre teatro de revista, por meio da história de travestis.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA, 1995, p. 16).

Ainda conforme Lima (1995), o produto é um híbrido de estilos entre livro-reportagem retrato, livro-reportagem atualidade e ainda livro-reportagem nova consciência.

Em lugar do relato simples, raso, o livro-reportagem atinge uma dimensão contextual, aprofundada; amplia os fatos e expõe ao receptor uma compreensão de maior alcance; possibilita um mergulho profundo nos fatos e em seu contexto; permite uma dose ponderável de liberdade para escapar às limitações (...) do jornalismo periódico. (BOAS, 2002, p. 78).

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, na modalidade PT 01 Edição de livro (avulso).

² Autora do trabalho. Recém-graduada em Jornalismo pela Uniube (2014). E-mail: falecomnatáliaescobar@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran), pesquisadora Fapemig, integrante do Nupentec/Uniube - Educomunicação. email: indiara.ferreira@uniube.br

Uberaba, situada no Triângulo Mineiro, cenário da narrativa, é uma cidade que cresceu sob os signos da agropecuária. Não é simples encontrar informações ou registros da história do teatro, da cidade mais recente, pós década de 1950. Porém, como comprova o trecho da obra *História de Uberaba* (1974), de José Mendonça, a cidade sempre sofreu altos e baixos com sua cultura.

Depois de algumas séries de espetáculos, o teatro [atual Cine teatro São Luís] ficou abandonado, em 1871. O Dr. Henrique Raimundo Des Genettes, fundador da imprensa do Triângulo Mineiro, com um grupo de amadores (...) conseguiu reerguê-lo. (...) Depois de um período de vida brilhante, o teatro caiu novamente em abandono, arruinando-se. (MENDONÇA, 1974, p. 51).

A Cia. Rogê, autora do espetáculo *Brazil Com Z*, vive estes altos e baixos. O espetáculo foi montado pela primeira vez em 2011 e remontado em 2014, com texto original de Emílio Rogê, fundador da companhia. A proposta indaga várias questões sociais pendentes e vai além. Vai pra rua. A Cia. Rogê desce do palco pela primeira vez em um ambiente coletivo: o calçadão do Teatro Vera Cruz. Com a ideia de ocupar espaços públicos com arte, um grupo de diferentes companhias se juntou à trupe Rogê. São dois homens e sete mulheres, de salto alto, maquiagem e cílios coloridos, atuando na peça.

Fundada em 2005, a Cia. Rogê começou como um grupo de teatro escolar. Hoje, é muito mais uma trupe de teatro do que uma companhia. Isso porque, misturando estilos que vão do clássico ao jazz contemporâneo, passando por funk e pop, sob o olhar plural de cada integrante, ela se revela como um conglomerado de influências. Somadas, cada visão vira parte de um todo que é levado para o palco ou para a rua, em forma de arte, por corpos de todas as medidas, de todas as maneiras, sem respeitar padrões.

O livro-reportagem buscou transmitir essas características através da sua estruturação textual, mas também pelos elementos fotografia e design, produzidos especialmente para dar vida às 180 páginas.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral do projeto foi registrar, em texto e imagem, a história da Cia. Rogê por meio do espetáculo *Brazil com Z*, mostrando como a companhia tenta subverter a realidade para superar os desafios do fazer cultural em uma cidade de interior.

Os objetivos específicos foram contextualizar a companhia em Uberaba e compreender o cenário dessa cidade, dona do quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) agrícola do país e que conta com cinco espaços destinados à arte do palco, apenas três em

funcionamento, de acordo com a Fundação Cultural de Uberaba. Também foram apresentadas a situação do teatro em Uberaba, quem são seus protagonistas e qual sua expressividade.

3. JUSTIFICATIVA

Esse projeto tem valor para a comunidade porque é um resgate cultural e de memória e pode entrar para o arquivo de Uberaba como um registro da história do teatro, assim como é um retrato de uma época que, como tal, é meio de interpretação de uma sociedade. Ele traz registro de opiniões contrárias, divergentes, ou por vezes complementares.

Ainda justifica-se a exploração do Jornalismo Cultural, que não ganha destaque na mídia regional; o que é provado pelo fato de, por exemplo, os dois principais jornais da cidade não terem uma editoria dedicada à cultura.

...no balanço, se os desafios não são poucos, os prazeres também não. Quero deixar bem claro que, pela minha experiência e também pelas estatísticas, há um contingente sólido, respeitável, de leitores interessados em jornalismo cultural de qualidade; e que sempre há espaço, a ser criado e recriado com persistência, para quem se dispuser a produzi-lo (PIZZA, 2004, p. 9).

Inserindo a companhia no cenário do teatro de rua, da dança como símbolo de resistência, e levantando questões como "por que o teatro incomoda?", sempre colocadas pela Cia. Rogê, o livro apresentou as manifestações teatrais produzidas pela companhia de forma contextualizada, destacando que as mesmas estão intimamente ligadas ao que acontece nos bastidores políticos e sociais da Terra do Zebu, como Uberaba é conhecida. "É ingênuo imaginar que uma cultura viva isolada e assim possa se manter viva e ativa". (PIZZA, 2004, p. 61).

A preocupação real do jornalismo é entender a contemporaneidade. A construção do entendimento da realidade, através do saber científico, passa pelas linhas possíveis de entendimento das ciências humanas, das ciências biológicas. Agora, através do saber jornalístico, nós podemos também ir a especulações mais profundas que ultrapassam o imediatismo da notícia, sem perder a diretriz básica, que é se situar na contemporaneidade. (MEDINA apud LIMA, 1995, p. 32).

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O trabalho começou com o estudo mais abrangente da técnica, tendo como base o livro *Páginas Ampliadas*: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura, de Edvaldo Pereira Lima. Também foram utilizados *Biografias e Biógrafos*: jornalismo sobre personagens, de Sérgio Vilas Boas; *Jornalismo Cultural*, de Daniel Piza; Rômulo Avelar e *O Averso da Cena* – Notas sobre produção e gestão cultural.

Também foram necessárias referências da teoria do teatro e história do mesmo. O *Teatro de Revista no Brasil*, de Ney de Veneiano. O trabalho de doutorado de Carlos Alberto de Carvalho, publicado no livro *Jornalismo, Homofobia e Relações de Gênero*, foi estudado paralelamente para compreensão de conceitos construídos e desconstruídos pela Cia. Rogê.

Para entender o contexto do livro, foram usadas as obras *História de Uberaba*, de José Mendonça; *Uberaba: dois séculos de história – De janeiro 1930 a dezembro 2007* (v. 2), de Guido Bilharinho; e *Uberaba: História, Fatos e Homens*, de Antônio Borges Sampaio (1971). Além disso, também foram tomados como base os arquivos de jornal disponíveis no Arquivo Público Municipal, com foco no teatro uberabense, a história da Fundação Cultural e dos teatros. Para desenvolver o projeto gráfico da obra foi usado o livro *Design para quem não é design*, de Robin Williams, além de referências do estilo magazine, que traz a leveza, maleabilidade e personalidade necessárias para fazer com que o design traduzisse a história. Por isso, a jornalista Fátima Ali, em *A Arte de Editar Revistas* (2009), foi uma das principais referências para elaboração do projeto gráfico.

Cada página deve estar de acordo com a missão e o formato gráfico da revista para manter uma unidade visual do começo ao fim. Partes sem um fio condutor, diferentes umas das outras, desintegram o visual. O leitor abre cada edição esperando similaridade e continuidade no formato. Assim, o respeito ao formato é a primeira garantia do estabelecimento da unidade. O mesmo se aplica ao layout das matérias. (ALI, 2009, p.142).

Através da obra de Fátima, trouxemos conceitos de contraste para a tipografia e escolha das cores. A autora também foi referência para a produção fotográfica e posterior montagem das fotografias no layout do livro. “A fórmula editorial é a ‘receita’, ou seja, a mistura dos ingredientes, a maneira como a revista monta o seu edifício e estrutura o conteúdo na implementação da missão.” (ALI, 2009, p.56).

A produção se iniciou com a pesquisa de todos os documentos disponíveis da companhia, em meio eletrônico e impresso, arquivados por ela. Posteriormente, a observação participante dos ensaios e convívio com os membros da companhia. Essa observação incluiu uma viagem para o Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaiete (MG), onde a companhia apresentou pela última vez, em 2014, o espetáculo tema do livro.

A captação das entrevistas começou no primeiro semestre de 2014, com o fundador da Cia Rogê, Emílio, e posteriormente com os outros oito integrantes da companhia que integraram o *Brazil com Z*. Também foram entrevistados outros integrantes da academia que não estiveram no espetáculo, mas fizeram parte de sua história. Primeiramente, nos momentos coletivos dos encontros, as entrevistas foram abertas, objetivando conhecer amplamente as

subjetividades de cada personagem. Em seguida, houve observação dos ensaios da companhia, gravados em áudio e vídeo, além de fotografia. Esse processo de captação durou todo o período antes, durante e depois do espetáculo *Brazil com Z*. Os recursos técnicos utilizados foram um gravador de áudio, uma câmera de vídeo digital, equipamento de iluminação e som, fotografia, além da edição e diagramação, no final.

Após a finalização do recolhimento do material, todo áudio foi decupado, somando 60 horas de áudio com 25 entrevistados. A estrutura do livro foi então organizada para melhor orientação. Após, o texto foi redigido, editado e revisado, partiu-se para produção final, diagramação e impressão.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Aproveitando a remontagem de *Brazil com Z*, o livro-reportagem conta a trajetória da companhia, através do próprio espetáculo. O conflito central e apogeu do livro é a produção/apresentação/repercussão do espetáculo. Para que a arte possa ser sentida através das palavras, foram usados recursos jornalísticos como a descrição pictórica, dando ainda preferência para topográfica, cinematográfica e cronológica, mescladas em uma narrativa dinâmica.

Estamos defendendo a ideia de que o livro-reportagem de um nível superior de complexidade temática e estilística apresenta características intrínsecas assemelhadas ao romance. Ambos visam ao conhecimento da realidade humana, são antropocêntricos. Ambos devem construir uma fórmula estética que torne ao leitor aprazível a leitura (...) Em alguns casos específicos, ambos combinam a sólida documentação factual para garantir a veracidade do real que representam com a estilística, para atingir grandes massas de consumidores de informação. (LIMA, 1995, p. 197).

O primeiro capítulo narra os *Prelúdios* da companhia: o nascimento de Emílio até sua vinda para Uberaba. O segundo capítulo - *Cia. Trouxa* - traz a fundação da companhia na cidade. No terceiro capítulo, os outros integrantes e personagens da história começam a aparecer, em *Despertaes*. Depois, o capítulo *Liberdade, liberdade!* conta sobre o rompimento com o teatro escolar e o início da vida profissional da companhia. O capítulo cinco - *Pagu* - é dedicado à primeira montagem de *Brazil com Z*. Após, *O Menino Verbo* conta sobre o, até então, melhor trabalho deles, *Geografia da Palavra*, encenação da obra poética de Jorge Alberto Nabut.

Em seguida, os acontecimentos dão origem a conflitos dentro da companhia, que são narrados no capítulo seis: *Geografia da Identidade*. No capítulo sete, começa a remontagem

de *Brazil com Z*, em *A odisseia do cu do mundo*. O último capítulo, *Apoteose*, narra do momento em que o primeiro personagem do elenco de *Brazil com Z* abre os olhos no dia da estreia. Ao final, um *Epílogo* contando as consequências do espetáculo, que causou repercussão na cidade e, encerrando o livro, a nota da autora.

O livro aborda, em círculos concêntricos, os tópicos: como a sociedade uberabense enxerga a companhia, fazendo um paralelo entre o trabalho deles antes do *Brazil com Z* (mais clássico e com público eletivo) e depois do show protagonizado por nove travestis – secundariamente, a visão que a cidade tem dos travestis e transgêneros, através de recortes de fatos e notícias de jornal; o conflito com o poder público municipal; a forte opinião de personagens pontuais sobre gênero e sexualidade; o desafio do fazer cultural e teatral na cidade – através, entre outros, da relação da Cia. Rogê com as outras companhias de Uberaba; as outras manifestações teatrais promovidas em paralelo.

5.1. FOTOGRAFIA

“Imagens emocionam, seduzem, despertam a imaginação, conduzem à leitura do texto e fixam na mente algo memorável”. (ALI, 2009, p. 165). Pensando nesse poder da imagem e na beleza da fotografia, o livro é ilustrado por fotos atuais produzidas ao longo do trabalho pelo fotógrafo e aluno do curso de Publicidade e Propaganda da Uniube, Guilherme de Sene, especialmente para esse projeto. A fotografia foi toda produzida de maneira analógica. Com objetivo de traduzir a intenção histórica do espetáculo, que remonta um cenário da década de 1950, o fotógrafo usou uma câmera, da década de 1980, Minolta X-300s (SRL 35mm).

A primeira etapa da produção fotográfica foi a cobertura do ensaio final e, no dia seguinte, da estreia do espetáculo. O ensaio final aconteceu na Academia Beth Dorça, em uma ampla sala de ensaios espelhada, que proporcionou a captação de vários momentos simultâneos, capturando uma espontaneidade bem composta. A estreia do Teatro Vera Cruz também foi fotografada, usando apenas a luz de iluminação do exterior do teatro durante a apresentação, e as luzes do camarim durante os preparativos pré-apresentação.

Posteriormente, os ensaios com os integrantes da Cia. Rogê se dividiram em três etapas. Na primeira, o fotógrafo montou uma estrutura de iluminação dentro do palco do Teatro Vera Cruz e fotografou, separadamente e em conjunto, seis integrantes da companhia. Nesse momento, todos os envolvidos no projeto (fotógrafo, fotografados e a autora do livro) foram contribuindo com ideias para traduzir em fotografias produzidas o espírito da história

que estava sendo contadas. Usando um filme preto e branco, o fotógrafo clicou poses dramáticas dos integrantes, que valorizam a expressão corporal e facial.

Em uma segunda etapa, já com filme colorido, o diretor da companhia e um dos integrantes, foram fotografados na Praça Santa Terezinha. O cenário fez parte da história da Cia. Rogê, que quando deixou de ser teatro escolar ficou sem local para ensaiar, e adotou a praça como palco. Ali se desenrolaram várias histórias do livro, mas a intenção do ensaio fotográfico não foi remontá-las, e sim trazer questões mais profundas sobre a companhia. Usando collants pretas e o rosto coberto de maquiagem, os dois homens fotografados em poses românticas e barrocas evocavam a questão sobre como dialogar artisticamente com a cidade.

No terceiro momento, todos os integrantes da Cia. Rogê foram convidados ao estúdio do fotógrafo Guilherme de Sene para as últimas fotos. Inspirado pela obra dos fotógrafos estadunidenses Annie Leibovitz e Richard Avedon, quando eles fotografaram nas décadas de 1950 e 1960 o *backstage* de desfiles de moda, peças de teatro e show musicais, Guilherme montou a fotografia que encera o livro, na Nota da Autora. É uma fotografia que traduz a pluralidade de corpos, belezas, ideias e personalidades da Rogê, assim como do livro em si.

5.3. PROJETO GRÁFICO

Depois de redigir e revisar e fotografar, passamos à finalização do projeto gráfico e edição do material, que vinham sendo trabalhados ao longo do processo de forma livre. Contamos com a colaboração de dois designers gráficos para dar vida às nossas ideias: o também graduando em Jornalismo, em 2014, Jefferson Genari, que montou a estrutura do livro e, posteriormente, o graduado do curso de Jornalismo da Uniube, em 2013, Thiago Ferreira, que finalizou a obra. O projeto pretendeu ser moderno, sem perder a simplicidade, com espaçamento e margens arejadas, com fotos vazadas, de maneira a destacá-las. A ideia é que o projeto gráfico entrelace-se ao texto de maneira a torná-lo mais expressivo, além de refletir a identidade da história e da Cia. Rogê.

O planejamento da ideia visual para o projeto foi pensada a partir do livro *A Arte de Editar Revistas*, de Fátima Ali, e *Design para quem não é design*, de Robin Williams. Com objetivo principal de refletir na peça final o espírito jovem, ousado e plural da história contada, usando conceitos de contraste e repetição, a obra apresentou a história entrelaçando texto e imagem de maneira harmônica e arejada.

A escolha das fontes se deu com a intenção de realçar o contraste entre texto e imagem, criando uma identidade visual alinhada com o propósito do livro. “O contraste marcante atrai os olhos (...). Uma das maneiras mais eficazes, simples e satisfatórias de se conferir contraste a um desenho é através da tipografia”. (WILLIAMS, 1995, p. 79).

Para conseguir esse contraste, foi usada uma fonte serifada em caixa alta no título, com intento de acentuar a expressividade, e uma fonte sem serifa no corpo do texto, dando maior legibilidade para o leitor. O corpo de texto foi padronizado em Calibri-Light, 12 pt. O título dos capítulos foi escrito em Adelle Regular, com 18 pt. O título, na capa foi escrito com Felix Titling, contrastando com Calibri-Light. Os créditos das fotos e a bibliografia obedeceram a configuração dos demais capítulos, padronizados em Calibri-Light, 12 pt.

As cores trabalhadas também foram pensadas para contrastarem: preto no texto, cinza no título do capítulo e vermelho na numeração (das páginas e dos capítulos). No início de cada capítulo, um capitular em vermelho contrastou com o restante da página e estabelecendo uma pausa inicial, um respiro. “Além de ajudar a estabelecer uma hierarquia, o contraste ajuda a dar movimento e graça para o layout”. (ALI, 2009, p. 145).

As margens externas são de aproximadamente cinco centímetros para arejar. Nelas, o título do livro e a paginação dão equilíbrio à página. As fotografias são colocadas desrespeitando as margens, vazadas na página, dando maior amplitude ao projeto gráfico e maior destaque às imagens.

É o valor da foto (mensagem ou qualidade), e não o espaço disponível, que determina o tamanho que a foto deve ter. Quando são várias fotos na página, uma deve ser predominante. Fotos muito grandes ou muito pequenas têm mais impacto. (ALI, 2009, p. 171).

A fotografia tem apoio das legendas, que buscam ser complementares à imagem, mas de maneira literária e subjetiva. Mais do que legendar o que está acontecendo na foto, o objetivo da legenda é também traduzir a poesia da imagem e atrair o leitor para o texto.

A capa e contracapa foram formadas por uma única foto, que brinca com a sensação de totalidade e duplicidade do tema. O recorte da foto na capa mostra uma mulher delicada insinuando nudez e se tampando com jornais (referência ao título do livro), enquanto a contracapa mostra um homem coberto de pelos também tampando as partes íntimas com jornal. Foi um contraponto entre o feminino e o masculino, o supostamente delicado e o supostamente rude, debatendo já na capa a ousadia dos temas trazidos no espetáculo *Brazil com Z*, como a pluralidade de gêneros.

O projeto foi formado por capa, contracapa, ficha catalográfica, folha de rosto, página inicial, sumário, dedicatória, corpo do livro (separado por capítulos), posfácio, nota da autora e referências bibliográficas. Dentro do projeto gráfico estão contemplados: capa, página inicial de cada capítulo (sem foto, página ímpar), capitular, paginação, título do livro em todas as páginas.

A diagramação contempla a execução do projeto gráfico, em 180 páginas, incluindo capa e contracapa. O livro tem 17x24 cm fechado (40,5 x 29 cm aberto, com cinco cm de orelha de cada lado) e foi confeccionado em sulfite 75g, com lombada quadrada e encadernação com cola (hotmelt) e costura. A capa é de couchê fosco 300g, em cores, com laminação fosca. A impressão foi feita em São Paulo (SP).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir *Brazil com Z: teatro na capa do jornal* foi um desafio. É uma história coletiva de muitos personagens, que têm perspectivas, opiniões e até memórias diferentes sobre as mesmas coisas. Condensar tudo em uma alquimia que precisava acabar no espetáculo foi castrador em muitos sentidos: a história não cabia em menos de duzentas páginas e seis meses. O mais desafiador: a história não tem fim, continua depois do ponto final. Mas, ao final, o objetivo de contar a história da Cia. Rogê foi cumprido, mostrando os desafios do fazer cultural em Uberaba. Além disso, a obra é por si só um retrato do momento narrado. Com a intenção de imortalizar em suas páginas cada detalhe da cena, o livro foi cuidadosamente pensado para expressar em si mesmo como produto a intensidade do espetáculo que retrata. Através de suas páginas, cada detalhe, cada fotografia e cada capítulo, contam e recontam para o leitor a beleza de cada cena vivida. O mérito final da obra é ser um registro de um pedaço da história do teatro na cidade, até então inexistente, além de expressar através de si próprio a identidade a Cia. Rogê. O livro consegue sintetizar os fatos que culminariam em *Brazil com Z*, em uma narrativa que traz pontos importantes sobre seu cenário.

7. REFERÊNCIAS

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 2009.

AVELAR, Romulo. **O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural**. Belo Horizonte; DUO Editorial, 2008.

BILHARINHO, Guido. **Uberaba: dois séculos de história** – De janeiro 1930 a dezembro 2007. Uberaba; Arquivo Público Municipal, 2010 (v. 2).

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografia e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo; Summus, 2002.

CARVALHO, Carlos Aberto. **Jornalismo, homofobia e relações de gênero**. Curitiba; Appris Editora, 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 1995.

MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Edição Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974. Disponível em: <<http://giseldacampos-jornalista.blogspot.com.br/>>. Acessado em 31 de maio de 2014.

_____. **História de Uberaba**. Uberaba; Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo; Contexto, 2004.

SAMPAIO, Antônio Borges. **Uberaba: História, Fatos e Homens**. Uberaba; Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971 (v. 2).

UBERABA, Fundação Cultural de. **Fundação Cultural de Uberaba: histórico**. Disponível em: <<http://www.culturauberaba.com.br/site/pages/fundacao-cultural/a-fundacao.php>>. Acesso em: 31 de maio de 2014.

VENEZIANO, Neyde. **O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções**. São Paulo; SESI-SP Editora, 2013.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis, 1995.